

## CONTOS AFRICANOS E NGANOS: IDENTIDADE MOÇAMBICANA

### CONTOS AFRICANOS AND NGANOS: MOZAMBICAN IDENTITY

Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa analisar contos de tradição oral moçambicana publicados em dois livros: Contos africanos(2001) e Nganos – contos tradicionais moçambicanos (2007). Neles, evidencia-se a busca das origens e da cultura africana, principalmente, como resgate de identidade em um país que viveu anos em guerra e em processo de colonização. A língua portuguesa, tornada oficial, é ainda tida como artificial por grande parte da população que precisa estudá-la para assimilar a história atual de Moçambique. Tomaremos como exemplo o primeiro texto de cada livro, visto que, as situações se repetem nos demais. Partiremos do uso da linguagem e de como ela se tornou meio de transição entre a cultura africana e portuguesa, ou seja, a oralidade e a escrita e seus desdobramentos: vocabulário, costumes, posições sociais e histórias cultuadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade. Escrita. Identidade. Contos moçambicanos.

A oralidade e a escrita são discutidas há muito tempo na literatura, seja nas narrativas ficcionais, seja nas análises dessas ficções. Dessa relação, há fatos imortalizados pela memória, constituindo-se como alicerce para construção e manutenção de identidade. Desde os tempos primitivos, os homens se valem de histórias para representar ideias e sentimentos e, a partir delas, repassar conhecimentos de geração a geração. Muitos mitos surgiram com essa ideia da busca de explicação para algumas experiências e, assim, perpetuaram-se com o passar do tempo. Alguns deles surgiram dos relatos orais que se fixaram com o tempo e muitos se tornaram mitos entre os povos para os quais o significado influenciava em suas vidas rotineiras. Segundo Mircea Eliade (2006), o mito trata do conhecimento de como tudo surgiu, é pelo mito que o homem entende melhor a si mesmo e o seu modo de vida. Conhecer a origem significa retornar ao passado para identificá-lo, dominá-lo e melhor viver o presente, é recontar a própria história, pois, à medida que nos reconhecemos em nossa totalidade, remontamos nossa essência e criação. Assim, em muitas culturas, é preciso ir às origens mais primevas para que se entenda o presente. A criação de mitos é estudada por Karen Armstrong (2005, p. 7), na convicção de que “os seres humanos sempre foram criadores de mitos” e seu significado está no passado. Sobre a veracidade do mito, a autora analisa a possibilidade de seu significado e a visão sobre a vida:

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Brasileira, Unilasalle-RS. E-mail: luosa@unilasalle.edu.br.

Um mito, portanto, é verdadeiro por ser eficaz, e não por fornecer dados factuais. Contudo, se não permitir uma nova visão do significado mais profundo da vida, o mito fracassa. Se funciona, ou seja, se nos força a mudar corações e mentes, nos dá novas esperanças e nos impele a viver de modo mais completo, é um mito válido. (ARMSTRONG, 2005, p. 14).

A crença e a necessidade de rememorar histórias contadas pelos antepassados fazem com que os relatos aqui analisados creditem força de identidade e encontro com as origens. Em *Contos africanos*, no conto *O coelho e a hiena*, como em muitos textos deste livro, inicia com a expressão “... eram amigos” (ROSÁRIO, 2001, p. 9) e, a partir, desta afirmação, a narrativa segue até desconstruir a afirmação, não pela negação explícita mas pelos fatos narrados. O texto preserva sua intenção de ser fiel à oralidade, na medida em que começa avisando o leitor da situação dos personagens, tal como um bate-papo informal, caracterizando personagens de quem se vai falar. Este aviso ao leitor funciona de forma tendenciosa ao contar, como se estivesse preparando-o para as cenas seguintes em que haverá a contradição do que foi afirmado. A performance do contador está presente na escrita com o propósito de surpreender e prender a atenção até o final.

Em *Nganos – contos tradicionais moçambicanos*, no conto *Quando me casei com Liló*, fica bem explícita a perpetuação dos costumes, pois o narrador relata duas atitudes típicas do povo de origem dos personagens: a circuncisão e a matinge. A técnica da oralidade está presente desde o início do relato pelos sentimentos expressos pelo narrador-personagem envolvendo seus sentimentos em uma situação tipicamente cativante para qualquer povo: “Nunca havia me passado pela cabeça que um dia fosse deixar de gostar da Liló.” (FILIPE, 2007, p. 11). Da mesma forma, ocorre aqui a preparação do leitor de forma performática, induzindo-o a uma situação para depois mudar seu rumo. A atenção do leitor está garantida pelo tema do amor correspondido ou com a possibilidade não sê-lo e pelo apelo emocional que evoca.

A oralidade e a escrita possuem uma trajetória muito antiga, e, desde muitas épocas, o ser humano se distingue pela capacidade de ter pensamentos que transcendem sua experiência cotidiana. Esta dicotomia entre contar e escrever é analisada por Frederico Augusto Garcia Fernandes, ao estudar a diferença entre o contador e o escritor, estabelecendo os rumos de cada um. Ambos cumprem diferentes funções e atingem resultados diversos:

O escritor dá uma outra dimensão aos fatos cotidianos e sentimentos, torna-os pungentes, reelabora-os, fixando-os no tempo com a palavra impressa. O contador, por sua vez, consome os momentos, cada fato vivido é uma aventura que ele pode compartilhar nas suas rodas de conversa. [...] é por isso que a literatura tem duas

trilhas: uma da fixação e outra da dinamicidade. A que segue a primeira é canônica e escrita e a segunda, tradicional e popular. (FERNANDES, 2002, p. 13).

A imaginação aguçada no leitor destes contos segue os princípios da técnica usada para manter uma plateia atenta à audição, como exageros em “as mulheres transportavam lágrimas em sacos” (FILIPE, 2007, p. 11) e “O coelho começou a soltar grandes gritos e a rebolar-se no chão” (ROSÁRIO, 2001, p. 9). Segundo Northrop Frye (2000), a imaginação ganha maior força nas artes, no amor e na religião; na obra literária, é preciso recuperar o tempo e reconstruir o espaço; há uma necessidade de reconstituir a sequência narrativa, de evidenciar a totalidade, o fechamento. O que fica evidenciado nestes contos, é que quanto mais a imaginação do leitor estiver ativada, mais próximo dele estará o narrador e, portanto, mais intensa a relação entre ambos. E isso aproxima-os de sua história individual e daquela de seu povo.

Para os moçambicanos, o fato da independência de Portugal datar de 1975 faz com que a dupla cultura conviva ainda no seu cotidiano. A complexa questão da duplicidade cultural experimentada pelo expatriado é tingida de significados e sentimentos ambíguos, indeterminando decisões de vida. Tzvetan Todorov (1999, p. 16) a explica no sentido de “ter uma vida interior de duas culturas, de duas sociedades. [...] o sentimento de pertencer às duas culturas ao mesmo tempo”. Este processo diz respeito não somente ao aspecto geográfico, mas também à visão de mundo e à sobreposição de imagens e ideais dos dois países em questão, o de nascimento, africano, e o da vida durante o período da colonização portuguesa. Um modo não exclui o outro, eles se complementam e passam a co-existir, exigindo modos de ser, por vezes, ambíguos, atentos às influências de dois países.

Nessa conjuntura, de novo estilo de vida, ocorre um processo de desenraizamento, tratado por José Mauricio Domingues (2003, p. 131) da seguinte forma: “As sociedades humanas conheceram, ao longo da história, processos de desenraizamento que tiveram lugar aqui e ali em muitas ocasiões, pelos mais variados motivos – migrações, guerras, escravidão, a emergência de novos princípios de organização social.”.

Assim, surge a necessidade de construir uma identidade, que, no entanto, revela-se transitória por estar num processo contínuo de construção, considerando a duplicidade de culturas envolvidas. E os narradores constroem processos de autoconhecimento na medida em que revivem e tentam reconstruir o passado pelas lembranças.

Para Anthony Giddens (2002), a identidade é difícil de ser definida na modernidade, pois trata-se de um mundo em disparada, com ritmo acelerado de mudança social. A consequência desse dinamismo da sociedade é o que o autor chama de *desencaixe*, ou seja, o

esvaziamento do tempo e do espaço devido ao caráter global num deslocamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação sem prévia determinação.

Assim, surge a necessidade de construir uma identidade, que, no entanto, revela-se transitória por estar num processo contínuo de construção, considerando a duplicidade de culturas envolvidas. E as narrativas ocupam-se em recontar histórias do passado, da tradição oral, atualizando-as pela escrita.

A busca de identidade, neste processo de construção, condiz com a posição de Bauman (2005, p. 16) de que

As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude.

Dialogando sobre a identidade e a modernidade mencionada por Giddens, a relação tempo-espaço é discutida por Domingues (2003, p. 117), que menciona a desconexão proporcionada pelas novas formas de relacionamento social,

O controle do “espaço” é crucial para as grandes organizações que caracterizam a modernidade, mas ele foi separado do “lugar”, aqueles pontos físicos onde a atividade social é coordenada geograficamente. Em sociedades pré-modernas, espaço e lugar coincidiam em geral e a vida social era dominada por relações de co-presença, por interações face a face. A modernidade alterou profundamente esse panorama: com ela o “lugar” se torna “crescentemente fantasmagórico” e é penetrado por influências muito distantes, que contribuem de forma decisiva para moldá-lo”.

Nas situações abordadas nos contos, o espaço, entendido como modo de ser e de estar, modificou-se pela influência da dominação estrangeira e o lugar, conseqüentemente, teve que ser reinventado. Com uma língua imposta pelo colonizador, alguns termos vêm na fala das personagens ou até mesmo na descrição do narrador a fim de que dê autenticidade à escrita. O espaço busca esta oralidade com o propósito de dar-se a reconhecer, principalmente, a partir dos nomes próprios: Chipha Dzuwa (ROSÁRIO, 2001, p. 9) e Liló, Muziaifani, Smath (FILIPE, 2007, p. 11). Estando entre dois países de culturas bem diferentes, os moçambicanos ficam divididos e entrecruzados em sua cultura após a influência europeia.

Para Homi Bhabha (2007, p. 20), a cultura está associada à noção de abandono de uma zona específica de fronteira, à relação com o tempo presente e com as diferenças culturais. O autor utiliza o termo “entre-lugares” ao referir-se aos novos signos de identidade para definir a sociedade. Desdobram-se outros termos desse conceito, como hibridismo cultural, produção

de identidades minoritárias e a distinção entre habitar e residir. Este é um dilema constante para os personagens que, não conseguindo integrar-se totalmente à imposição do dominador, diante das dificuldades, busca a memória feliz no passado. Sendo o primeiro conceito, o de habitar, associado a um sentido mais restrito de estar em um local; o segundo, o de residir, faz parte de um tempo revisionário, isto é, revisa o contemporâneo em uma inserção histórica, reconstituindo o presente e suas relações híbridas. Bhabha analisa a questão dos migrantes – do mundo estranho a constituir uma nova cultura - como sendo objeto central da literatura mundial em detrimento do estudo de literaturas nacionais, uma vez que se constitui em uma categoria emergente e em deslocamento.

Nessa idealização, em muitos momentos, confundem-se recordações de fatos vividos e imaginação. A história passa a ser recriada por meio de textos literários nos contos que, sem necessidade de relatarem fielmente a história, tratam de contar costumes ou ainda, utilizam-se de feitos heróicos de animais para serem comparados aos humanos com o propósito de trazer ensinamentos. A partir dos escritos de Platão e Aristóteles, o tema da memória foi discutido por Paul Ricoeur (2007), que distingue a imaginação da memória, relacionando a primeira à ficção, ao fantástico, irreal e utópico e a segunda, à realidade anterior, à marca temporal por excelência daquilo que é lembrado. A experiência profunda do tempo passado é tarefa *mnemônica* que resulta de um esforço cognitivo de quem tem interesse em buscar algo que está perdido no presente. As imagens de situações ocorridas podem configurar-se em elementos recorrentes das lembranças operadas no momento em que é acionado o pensamento para reconstituir cenas e vivências. Tais imagens são passíveis de confusão entre o que realmente ocorreu e o que seria idealização. Devido ao distanciamento do fato e à elaboração do pensamento, torna-se, muitas vezes, difícil o discernimento da realidade, posto que a presença da subjetividade e da emoção influencia na clareza do acontecido. Ao analisarmos uma obra de ficção, verificamos que sua realidade é preconizada pela intenção de quem narra. No caso dos contos em análise, os autores propositadamente estão escrevendo textos que somente existiam na oralidade, a intenção é a de registrar histórias contadas pelos antepassados; e mais: registrá-las da língua de origem para o português.

Essa característica de valorização emocional é analisada por Ricoeur (2007) ao alertar para a diferença entre operação de memorização e rememoração de acontecimentos singulares, sendo esta última a condição necessária para revitalizar o passado, mantendo-se fiel a ele. A rememoração é uma tarefa importante nos contos para que os fatos não se percam com o passar do tempo. Não basta apenas recordar o que aconteceu, é preciso atribuir significados ao ocorrido, o que, em muitos momentos, acontece na memória dos personagens

por meio de relatos, análises ou descrições. Como transição entre a memória e a história, o testemunho constitui estrutura fundamental, por trazer veracidade aos fatos vivenciados.

Ainda no aspecto que envolve a imaginação, o autor menciona a caracterização da memória como termo singular, ao passo que as lembranças estão no plural e elas, no todo, constituem a memória necessária à reconstrução de vivências. Por isso, o romance é permeado de resgates vivenciados por várias personagens, num mosaico de situações que, muitas vezes, estão dispersas no tempo.

Acontece, assim, uma “lembrança-representação” (RICOEUR, 2007, p. 44), permitindo voltar no tempo e buscar determinada imagem numa lição de aprendizagem. Esta busca é analisada por Ricoeur (2007, p. 46), ressaltando a seleção de situações feita conforme nossa intenção:

Buscamos aquilo que tememos ter esquecido, provisoriamente ou para sempre, com base na experiência ordinária da recordação, sem que possamos decidir entre duas hipóteses a respeito da origem do esquecimento: trata-se de um apagamento definitivo dos rastros do que foi aprendido anteriormente, ou de um impedimento provisório, este mesmo eventualmente oposto à sua reanimação? Essa incerteza quanto à natureza profunda do esquecimento dá à busca o seu colorido inquieto. Quem busca não encontra necessariamente. O esforço de recordação pode ter sucesso ou fracassar. A recordação bem-sucedida é uma das figuras daquilo a que chamaremos de memória “feliz”.

Por isso os contos tratam de um relacionamento amoroso impedido momentaneamente por situações culturais e que, após um diálogo em um caso e um ato de esperteza em outro, terminam por resolverem-se. Encontros e desencontros amorosos são marcas fortes da memória coletiva e individual, trazem forte apelo emocional e aproximam escrita e leitor com o mesmo encantamento com que associa contador e ouvinte. Há uma dimensão afetiva naquilo que se recorda como um esforço intelectual, fazendo com que as imagens, fatos e relações entre si misturem-se para chegar numa elaboração pessoal carregada de significados. Lembrar ou relembrar de algo se intensifica conforme a duração de tempo de percepção daquilo que é lembrado. Ou seja, a percepção pode ser mais intensa que o tempo em si. Ricoeur exemplifica com a duração do som, na medida em que a melodia tem uma duração não-objetivável, numa deslocação de ênfase em que a distinção entre a lembrança imediata ou retenção e lembrança secundária ou reprodução adquire sentido. O som, no momento presente, faz um ressoar contínuo atualizando-se e tornando-o passado a cada vez que é percebido. Assim ocorre com as imagens: a cada lembrança, há a sobreposição de imagens, atualizando ao mesmo tempo em que consolida como passado a imagem original. Daí advém o efeito intenso das angústias dos personagens diante de seus impasses amorosos.

Presente e passado são, dessa forma, “caracteres de escoamento” (RICOEUR, 2007, p. 50), fenômenos imanentes que duram conforme a intensidade que é dada pelos significados a eles atribuídos. O momento atual é marcadamente um começo, mesmo que este venha a se desdobrar em muitos outros, pois aí haverá novos presentes de forma ininterrupta. O agora facilmente se torna um passado, uma vez modificado pelo contínuo fluxo de existência. A contínua vivência do passado realiza “escoamentos” (RICOEUR, 2007, p. 50) fragmentados, determinados pela importância que o personagem atribui-lhes, são definidos como “ponto-origem” (RICOEUR, 2007, p. 51), que leva a uma mudança. Se tudo muda constantemente, tudo recomeça em vários momentos, propiciando um antes e um depois no acontecer dos fatos, remontando à origem deles. No caso de Liló e Smath, trata-se de uma reconstrução constante em um país em fase de adaptação à nova cultura híbrida entre a África e Portugal. Até mesmo a mistura de povos africanos ocorre na união do casal:

Muitas vezes eu ouvira dizer que o pai de minha mãe era zimbabuano e sua mãe, por sua vez, moçambicana.[...] Era gente de diferentes pontos de Moçambique. Uns, da família dela, vindos dos distritos de Morumbene, Maxixe, Massinga e de Xinavane. Outros, da minha família, como é o caso de Tio Dalton de Dondo, Miguel de Barué, Héilton de Manica, Ismael da Beira e o Agostinho, que não podia faltar, cá do Buzi, entre muitos outros. (FILIPE, 2007, p. 12).

A continuação de encontros de pontos de origem pode se juntar num outro ponto da atualidade, numa apreensão momentânea e significativa para a compreensão das vivências, integrando a época lembrada e a atual.

Estabelece-se, assim, uma familiaridade entre passado e presente, e eles coexistem no ato da enunciação, incluindo-se personagens de várias gerações. As histórias precisam ser continuamente lembradas para que, além de reconhecido, o passado possa ser percebido e valorizado pelo aspecto subjetivo que a memória evoca. E são as histórias contadas ou vividas pelos personagens que elucidam melhor essa mescla de tempo. A rememoração de momentos ou objetos chega à memória declarativa e está pronta para a narração. Por isso, o continente africano e o europeu coexistem na memória afetiva, para quem os lugares são formas efetivas de recordação, eles evocam à memória momentos importantes como marcas de acontecimentos.

Outro estudioso da memória é Henri Bergson (2006) que, além de dialogar com as análises de Ricoeur (2007) sobre recordar e reviver o passado, sobre utilizar a oralidade para reviver algo do passado unindo o ausente no presente, estuda a relação do personagem com o tempo, uma vez que, ao pensar em um episódio do passado, a memória empurra-a para o

presente. Isso ocorre também quando se observa atentamente um objeto em todos os seus lados e na mesma condição espacial – este objeto chega a cada instante de forma diferente. Afirma o autor que

Meu estado de alma, ao avançar a estrada do tempo, infla-se continuamente com a duração que vai reunindo; por assim dizer, faz bola de neve consigo mesmo. Com mais forte razão isso ocorre com os estados mais profundamente interiores, sensações, afetos, desejos, etc., que não correspondem, como uma simples percepção visual, a um objeto exterior invariável. (BERGSON, 2006, p. 2).

Essa percepção também é apreendida pelos personagens, para quem o tempo, por mais breve que seja, é responsável pela possibilidade de valoração dos acontecimentos. Nos contos, as situações descritas no passado adquirem relevância no momento presente da narração sobre as ações dos personagens envolvidos. É pelo encaixe de cada lembrança pretérita ajustada à atualidade da narrativa que se pode compreender a sua dimensão:

A verdade é que, se uma percepção evoca uma lembrança, é para que as circunstâncias que precederam e acompanharam a situação passada e seguiram-se a ela lancem alguma luz sobre a situação atual e mostrem como sair dela. São possíveis milhares de evocações de lembranças por semelhança, mas a lembrança que tende a reaparecer é aquela que se parece com a percepção por um certo aspecto particular, aquele que pode esclarecer e dirigir o ato em preparação. (BERGSON, 2006, p. 62).

Enquanto, para Ricoeur, o presente busca o passado para atualizá-lo; para Bergson, o movimento se dá pela via contrária, pois é a memória que empurra o passado para o presente. Ambos chegam ao mesmo resultado da copresença de passado e presente, porém cada um parte de pontos temporais opostos. Bergson (2006, p. 61) também atribui ao passado a consciência de determinadas ações como auxílio à compreensão delas, ele afirma que o passado “é um batedor da ação”. E, para ele, o importante é não considerarmos ações isoladas e, sim, a perspectiva de podermos encaixar as ações por mais diferenciadas que pareçam. É assim que certas expressões ganham dimensão de retomada histórica, como no caso, de Smath, ao analisar as atitudes presentes integradas ao passado: “Ela não sabia porque eu sozinho fazia barulho.” (FILIPPE, 2007, p. 14).

Para perpetuar a história dos antepassados, importava que elas estivessem “em relação com diversas coletividades, por referência às quais se define a sua identidade de classe no sentido lógico do termo – pertencer a uma pátria, a um segmento de linhagem, a uma faixa etária, a um clã, a uma aldeia, a uma nação, etc”. (AUGE, 1999, p. 43-44). É a revitalização das origens, que vem pela família e continua por ela através da oralidade.



A mudança na forma de contar as histórias é examinada por Nei Clara de Lima (2003, p. 12), que, ao estudar narrativas orais, valoriza o tom de verdadeiro que há nelas, portanto, também enaltecendo a oralidade como veículo da emotividade e reflexo da sociedade local:

[...] todos os que me contaram histórias disseram que as ouviram dos mais velhos. Pertencentes ao repertório popular das localidades pesquisadas, elas enfeixam um grande número de imagens mentais e afetivas, segundo as quais os moradores interpretam a si próprios, o seu passado e a sociedade em que vivem. (LIMA, 2003, p. 12).

A partir da realidade histórica e cultural de Moçambique, os autores, por meio da literatura de reconhecimento das tradições, fixam o que antes era oral em escrita. Rosário, na introdução de seu livro, afirma: “Tendo estas narrativas sido transcritas para a Língua Portuguesa, é agora o momento de o leitor português apreciar a tradição oral de um povo com que contactou no decorrer dos séculos.” (2001, p. 6). E, na apresentação de *Nganos – contos tradicionais moçambicanos*, os organizadores destacam que

Os contos narrados neste livro não são histórias de ficção, nem simples exercícios literários de jovens habitantes de Moçambique, um dos dez países mais pobres do mundo. São registros preciosos de histórias orais milenares, transmitidas de geração a geração em volta da fogueira. Histórias que abarcam uma cultura resistente à dominação branca, portuguesa, europeia. (MACHADO; DUARTE, 2007, p. 5).

Diante disso, reiteramos o caráter documental e cultural e a importância dos registros presentes em ambos os livros. Da oralidade à escrita, da simbiose da linguagem híbrida dos dois países e da cultura nova voltada ao passado, pela literatura, constrói-se a identidade de um novo tempo com novos propósitos. A descrição e narração do povo moçambicano em busca da não desagregação de atos dos antepassados, como as narrações aqui analisadas, perpetuam-se em cenas da memória coletiva ao registro da escrita e da reconstrução dos habitantes de Moçambique.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze Mozambican short stories of oral tradition published in two books: *Contos africanos* (2001) and *Nganos – Contos tradicionais moçambicanos* (2007). In these tales, it is found the search of African origins and culture, especially as a way to rescue the identity in a country that experienced years of war and was in a colonization process. The Portuguese language, made official, is still regarded as artificial by most of the population who needs to study it to assimilate the current history of Mozambique. The first text of each book will be taken as an example, since the situations recur in the other texts. This paper starts with an analysis of language use and how it became a transition pathway between the African and the Portuguese culture; in other words, speaking

and writing and its consequences: vocabulary, customs, social positions and worshiped stories.

**KEYWORDS:** Orality. Writing. Identity. Mozambicans short story.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

AUGE, Marc. *O sentido dos outros*. Tradução de Francisco Manuel Filho. Petrópolis: Vozes, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BERGSON, Henri. *Memória e vida – textos escolhidos*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FILIPE, Joseph. In: MACHADO, Alexsandro dos Santos; FAZ-VER, Domingos Pedro Zina; DUARTE, Letícia (Orgs.). *Nganos – contos tradicionais moçambicanos*. 2. ed. Porto Alegre: Algo mais, 2007.

FRYE, Northrop. *Fábulas de identidade: ensaios sobre mitopoética*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Trinta e Quatro, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LIMA, Nei Clara de. *Narrativas orais: uma poética da vida social*. Brasília: Editora universidade de Brasília, 2003.

MACHADO, Alexsandro dos Santos; FAZ-VER, Domingos Pedro Zina; DUARTE, Letícia (orgs.). *Nganos – contos tradicionais moçambicanos*. 2. ed. Porto Alegre: Algo mais, 2007.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. São Paulo: Unicamp, 2007.

ROSÁRIO, Lourenço do. *Contos africanos*. Lisboa: Texto Editora, 2001.